

SONHOS POÉTICOS

volume II

POEMAS E CONTOS



ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

SELO

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS OU CONTOS

Retratos, por Agnes Izumi Nagashima, pág. 05
Somos Poesia, por Agnes Izumi Nagashima, pág. 07
Ocaso, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 09
O Sol da Meia-Noite, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 19
Quando Começo a Escrever, por Aline Bischoff, pág. 26
Ser Poeta, por Aline Bischoff, pág. 28
O Amor é Indescritível, por Anderson Canuto de Almeida, pág. 30
A Bola Foi Para a Roseira, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 32
Os Pássaros, por Kátia Surreal, pág. 35
Sabedoria e Ternura, por Marlene Marques, pág. 38
Extraordinária, por Naty Brasil, pág. 42
Ventania, por Naty Brasil, pág. 44
Retratos de um Silêncio, por Roberto Schima, pág. 46
Casa Comigo?, por Tuani Rafaela, pág. 51
O Mundo do escritor, por Vinícius Benatto, pág. 54
Sonho de um poeta, por Vinícius Benatto, pág. 56
Conheça outros títulos da coleção, pág. 59

Organização: Elenir Alves - elenir@cranik.com

Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale ademirpascale@gmail.com

**ARQUIVO PARA VERIFICAÇÃO DOS AUTORES
NÃO DISTRIBUIR**

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima

“Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé.

Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende!”

Cora Coralina



APRESENTAMOS O POEMA

Retratos

Por Agnes Izumi Nagashima

Agnes Izumi Nagashima é paranaense e biotecnóloga com mestrado em Ciências de Alimentos. Sempre foi apaixonada por livros com incentivo de seus pais, tendo ganhado prêmio de uma das crianças que mais leu livros pela Biblioteca pública infantil de Maringá. Escreve contos e poemas e já publicou em diversas revistas literárias, antologias e coletâneas. Faz parte da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina e do grupo de escrita Contopeia. Acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural. Mãe do Matheus.

Em meio à solidão,
passos descompassados pela orla.
Sentou-se em um banco,
absorta em pensamentos.
A paisagem a sua frente
refletiu no espelho dos olhos.
Árvore solitária, galhos contorcidos.
Céu nublado e cinzento.
Desolada, lágrimas na face
escoam sua tristeza, gosto de saudade.
No horizonte, uma luz refulge.
Nuance de cores do arrebol.
Em meio ao vazio dos galhos,
observou pequenas flores
e folhas a renovar.
Em seu semblante, sorriso aflorou.
Guardou como fotografia e poesia,
refúgio para o combalido coração sonhar.



APRESENTAMOS O POEMA

Somos Poesia

Por Agnes Izumi Nagashima

Agnes Izumi Nagashima é paranaense e biotecnóloga com mestrado em Ciências de Alimentos. Sempre foi apaixonada por livros com incentivo de seus pais, tendo ganhado prêmio de uma das crianças que mais leu livros pela Biblioteca pública infantil de Maringá. Escreve contos e poemas e já publicou em diversas revistas literárias, antologias e coletâneas. Faz parte da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina e do grupo de escrita Contopeia. Acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural. Mãe do Matheus.

Me perco nos passos, na estrada de outrora.
Me encontro nos caminhos da vida de agora.
Sou a flor que perfuma e esvai a tristeza.
Sou o rio que escorre, fonte de água e beleza.
Sou a árvore, abrigo, fruto e fotossíntese.
Sou o sol, que aquece, calor e síntese.
Sou o aplauso do show de ensaios e transpiração.
Sou o pão que alimenta, sou a oração.
Sou a mão estendida a resgatar do perigo.
Sou o ombro suave no abraço amigo.
Sou o beijo do coração apaixonado
Sou recíproco amor, um céu estrelado.
Sou o sonho e compaixão, o mundo de alguém.
Somos espelho a refletir, tudo e mais além.
Somos poesia e empatia, coração a palpitar.
Somos vida e amor a cada dia conquistar.



APRESENTAMOS O POEMA

O caso

Por Alberto dos Anjos Costa

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

O tempo é lépido amiúde,
implacável e austero!
Ingratidões em atitude,
são açoites muito severos!

A vida foi seguindo!
O tempo foi passando!
A velhice foi surgindo!
E o ocaso foi se avistando!

Com idade avançada,
com mais de oitenta anos,
suas rugas foram conquistadas,
por sacrifícios e desenganos.

Semblante vincado,
por rugas do tempo,
olhar macerado,
denunciando sofrimento.

Cabelos grisalhos,
retratando velhice,
prazeres renunciados,
seu viver sendo vice.

Noites inquietantes,
pelo amado rebento,
preocupações desgastantes,
desfalecimento incruento.

Sentiste a dor incomensurável no seu ser,
sofrimento visceral contíguo ao prazer,
incertezas no futuro do rebento a chorar,
com amor sua renúncia acabou por chegar.

Esqueceste de si mesma pela relevância do criar,
noites mal dormidas acalentando a sua riqueza,
seus sonhos adiados em virtudes do educar,
agregando afeição no seu sentimento em beleza.

Verdadeiro amor,
vendo a semente brotar,
conhecendo grande dor,
iniciando o seu sacrificar.

Rebentar de incertezas,
auferindo carinhos,
sempre pronta em defesa,
de seu fruto divino.

Renuncia à liberdade,
dedicando-se noite e dia,
preterindo suas vontades,
entregando-se com alegria.

Prioriza a educação,
resplandecendo o futuro,
o seu rebento é a significação,

na esperança do orgulho.

Irradia sua luminosidade,
participando com ternura,
sublime santa em simplicidade,
heroica mãe pela bravura.

Coração materno,
vivenciando lágrimas e sorrisos,
crucificando-se de modo eterno,
morrendo feliz por seus filhos.

Relevância na existência,
numa vida de trabalho,
seu valor em negligência,
no aposentar sem numerário.

Corajosa ao abandono,
dignificando a sua idade,
és soberana sem um trono,
conhecendo a invisibilidade!

Cabelos brancos a nos ensinar,
clamando a nossa atenção,
é a velhice querendo o amar,
sem o desprezo como rendição.

Santos pais esquecidos,
descobrimo a ingratidão,

seu afligir não é merecido,
pela vida em doação.

Heróis sobreviventes,
necessitando de cuidados,
a saúde tão plangente,
conhecendo hospitais lotados.

Vidas amadurecidas,
por alegrias e tristezas,
decepções foram conhecidas,
e suplantadas com firmeza.

Rugas em proeminência,
evidenciadas pelas circunstâncias,
respeitá-las é incidência,
do reconhecimento de sua importância.

Terceira idade inocente,
voltando a ser criança,
pureza que de repente,
deixarão lágrimas e lembranças.

O tempo passou,
as rosas murcharam,
a velhice chegou,
todos os sonhos prostraram!

Pele vincada,

alvos cabelos,
costas arqueadas,
passos em apelo!

Trêmulas mãos,
olhar tão distante,
mente em confusão,
lucidez claudicante!

Velhice criança,
rogando atenção,
é o Alzheimer que avança,
clamando compreensão!

Doença que impõe,
a clínica em solução,
o sol agora se põe,
na velhice em rendição!

Vida de aflição e agonia,
no findar das ilusões,
a morte já está em vigia,
e sepultará alegrias e desilusões!

Oh! Ações fratricidas;
pulverizando a irmandade!
A inveja é homicida!
A herança é a perversidade!

Oh! Hombridade quebrantada;
na retidão em fugacidade!
A ingratidão é exaltada;
anunciando que o dinheiro é a felicidade!

Onde foi que erramos?
Por o mundo estar insano!
Pela ganância em epidemia,
que recresce a cada dia!

Quantos asilos lotados!
Quantas mágoas acolhidas!
Quantos pais abandonados!
Quanta frieza infligida!

Gélidos asilos,
presenteados pela solidão,
descaso de pífios filhos,
pondo a velhice em expiação.

Como é triste o envelhecer,
e conviver com a desatenção,
vendo os filhos a embrutecer,
pela impiedade no coração.

Rebentar de insensibilidades,
de rebentos desajuizados,
hoje se esquecem da afetividade,
e do amor para eles ofertados.

Mortificado mundo carcomido,
por filhos que só pensam na herança,
colocando os pais em desabrigo,
pela incompreensão e ganância.

Oh! Velhice em desamparo;
agonizando pelo desprezo!
Seus herdeiros ordinários;
estão pensando só no dinheiro!

Natureza humana, com travos e rancores,
sordidez aplicada por insensíveis predadores!
Insana consciência castigando por prazer,
pondo fel e azedume, ancorando o entristecer!

Tétrico envelhecer no ocaso morredouro,
descartados pais demovendo esperanças,
filhas e genros na intolerância em desdouro,
já criando o epitáfio pelo quinhão da herança.

Contristado avelhentar em desalento,
pelo exílio que agora conhecem,
sua descendência impondo tormentos,
na ingratidão aos pais que perecem.

Cabelos brancos voltando a ser criança,
cândidas almas sentindo o viço desvanecido;
alegrias vão estar em lembrança,

e também dores deixando-os desiludidos.

Coração chora pelo reconhecimento esquecido,
mágoa incrustada no sentir entristecido,
abnegação sem reconhecimento da gratidão,
arrancando lágrimas pela triste solidão.

A velhice de seus pais roga empatia e respeitar,
abdicaram de sonhos, deram a vida no seu formar,
você agora independente, com dinheiro e fama,
não é bom filho; com sua ingratidão imersa em lama.

Auxílio de um terno filho em vida deve acontecer;
amor aos pais após a morte não adiantará o arrepender,
peça ao Divino para que seus filhos não siga a ingratidão,
é o efeito de uma causa que converteste em educação,
pura colheita do que plantaste; dividendos da desatenção.

Por que amar os bons pais na velhice?
Para que a morte seja postergada,
para que sintas o orgulho pulsante,
para que aprendas que a vida é obra abençoada,
para que nosso viver seja uma missão dignificante,
pois, a vida é um fantástico maravilhar,
até chegar a hora do tempo findar.

Ah! O amor!

O sempre verdadeiro e sincero amor!

Hoje em dia!

Ignorado! Esquecido! Desprezado!

Por filhos que elegem o desolador!

Pelo descaso aos pais desamparados!



APRESENTAMOS O POEMA

O Sol da Meia-Noite

Por Alberto dos Anjos Costa

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em seu âmago, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Sou tudo;
sou nada;
sou a insipiência absorvida;
sou a escravidão sendo castigada;
sou a verve declinada;
sou a estamina reprimida.

Sou vulcão adormecido;
sou o amor em ciúme;
sou espírito carcomido;
sou a rebeldia em queixume.

Sou a orgia se inflamando;
sou a cocaína sendo inalada;
sou o vício inspirando,
a sodomia depravada.

**Sou a injustiça nauseabunda; sou a moralidade a desfalecer; sou a demagogia
bem profunda; sou a hipocrisia a recrudescer.**

Sou detalhes;
sou requintes;
sou o minaz a romper;
sou o desconexo em acinte,
pondo o óbvio para morrer.

Sou o Sol da meia-noite;
sou a lua indo embora;
sou a filosofia fomentando açoites,

pervertendo as ideias ditas agora.

**Sou juventude a envelhecer, sentindo o fel, perdendo o lume; sou o fim a antever,
a fragrância sem perfume.**

Sou tudo;
sou nada;
sou pérola partida;
sou riqueza abandonada;
sou esperança demitida.

Sou anjo carente;
sou malefício empreendedor;
sou a inquisição penitente;
sou o vendaval destruidor.

**Sou a certeza de lágrimas; sou misteriosa maré; sou a inquietude magna; sou o
firmamento em fé.**

Sou orgasmos;
sou o pecado;
sou sentimentos a entorpecer;
sou a vida sem marasmos;
sou a metáfora do prazer.

**Sou a força oprimida; sou vontade a falecer; sou a droga consumida; sou o medo
de vencer.**

Sou o virtual edificado,

manipulando mentes fragilizadas;
sou o computador divinizado,
instigando servidão generalizada.

Sou a fantasia impura; sou o cio em sobejo; sou sexo em estrutura; sou o amor sempre em desejo.

Sou miragem do deserto;
sou a gota no oceano;
sou inspiração do arquiteto;
sou o porvir em desengano.

Sou estrela cadente;
sou poesia lancinante;
sou a insciência inclemente;
sou o sofrimento torturante.

Sou o embate virulento;
sou a rocha fragmentada;
sou o pássaro luculento;
sou a liberdade enclausurada.

Sou mentiras; sou verdades; sou segredos de fraquezas; sou um monge em simplicidade; sou a marca da torpeza.

Sou a água em correnteza;
sou candura prostituída;
sou a hipocrisia em franqueza;
sou a desrazão enaltecida.

Sou o aborto ocultado;
sou a desonra em companhia;
sou o incesto generalizado;
sou o feto em arritmia.

Sou a bomba hedionda;
sou a inexatidão dos sentidos;
sou o ferimento com a sonda;
sou a fome dos desvalidos.

Sou a verdade que não existe; sou a dissimulação perpetrada; sou o dogma que insiste em mentiras reveladas.

Sou a vergonha do sucesso;
sou o errante navegador;
sou o culpado pelo progresso;
sou um humilde sonhador.

Sou o esperma ejaculado;
sou a magia em comunhão;
sou o espermatozoide fecundado;
sou o mutante em conspiração.

Sou a energia enfraquecida;
sou o trovão cuspindo fogo;
sou a criança em estesia;
sou o destino em malogro.

Sou a transgressão dos costumes;
sou o poder transcendente;
sou a metafísica em negrume;
sou a irreflexão clarividente.

**Sou o desalento da pobreza; sou a anemia homicida; sou um eremita em tristeza;
sou a pílula fraticida.**

Sou a dialética excitante;
sou a retórica dissimulada;
sou a ignorância flagelante;
sou uma plêiade alcoolizada.

Sou a virgem desvirginada;
sou a paixão em ciúme;
sou a estátua despedaçada;
sou o casamento em azedume.

**Sou a obra escatológica; sou a política mercenária; sou a imunidade da escória;
sou a traição incendiária.**

Sou o estupro abominável,
fixando trauma e aflição;
sou a pedofilia execrável,
deixando almas em prostração.

Sou a chuva laureada;
sou a terra em alegria;
sou palavras interpretadas;

sou momentos de utopia.

Sou a serpente escamoteada,
assentando ódios bem profundos;
sou a raça eleita estigmatizada,
patrocinando mortes neste mundo.

Somos o que desejamos ser;
selvagens domesticados,
que matam a bel-prazer.



APRESENTAMOS O POEMA

Quando Começo a Escrever

Por Aline Bischoff

Aline Bischoff é uma artista paulista, que atua em diversas linguagens artísticas, tais como: música, teatro, literatura, artes plásticas e visuais. Na literatura a sua preferência é pela poesia e prosa poética. Possui obras publicadas em diversas revistas, jornais, blogs, coletâneas, antologias, transformadas em letras de música e veiculadas por emissoras de rádio e TV. Participa ativamente de concursos, festivais, mostras e exposições nacionais e internacionais, tendo recebido diversas premiações. É embaixadora da Rima Jotabé no Brasil, colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Caféina e coralista do Coral da Universidade de São Paulo. Participa semanalmente do programa Estúdio Revolução, transmitido pela Web Rádio Bela e Revolução Web FM, e mensalmente do programa Ceará diVerso, pela TV Verde Vale.

Quando começo a escrever,
Meus fantasmas hibernam,
Sinto o tempo desaparecer,
E até as estrelas congelam.

Surgem seres mitológicos,
Criaturas encantadas,
Personagens históricos
E graciosas fadas aladas.

Energias, sons e cores,
Afloram novos vigores,
Aventuras e amores!

Um novo mundo por fazer!
Tudo isso vem acontecer,
Quando começo a escrever!



APRESENTAMOS O POEMA

Ser Poeta

Por Aline Bischoff

Aline Bischoff é uma artista paulista, que atua em diversas linguagens artísticas, tais como: música, teatro, literatura, artes plásticas e visuais. Na literatura a sua preferência é pela poesia e prosa poética. Possui obras publicadas em diversas revistas, jornais, blogs, coletâneas, antologias, transformadas em letras de música e veiculadas por emissoras de rádio e TV. Participa ativamente de concursos, festivais, mostras e exposições nacionais e internacionais, tendo recebido diversas premiações. É embaixadora da Rima Jotabé no Brasil, colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Caféina e coralista do Coral da Universidade de São Paulo. Participa semanalmente do programa Estúdio Revolução, transmitido pela Web Rádio Bela e Revolução Web FM, e mensalmente do programa Ceará diVerso, pela TV Verde Vale.

Vivamente, ser poeta
É ter a alma descoberta
Pela paz que a liberta.

É navegar em oceanos profundos,
Adentrar em adversos submundos,
Por um ou mil preciosos segundos.

É ter, contudo, mente aberta
A cada vez que lhe desperta,
A inspiração fugaz e incerta.

É lidar com a alegria e a tristeza,
Contemplando-as com singeleza,
Fazendo disso a sua maior proeza.

Se a arte de amar é a mesma de ser poeta¹
E amar é ter o coração em riso e festa²,
Então esta será sempre a minha meta!

-
- Referência a consagrada citação da poetisa Cecília Meirelles: “*A arte de amar é a mesma de ser poeta.*”
 - Referência a consagrada citação do poeta Gonçalves Dias: “*Amar é ter o coração em riso e festa*”.



APRESENTAMOS O POEMA

O Amor é Indescritível

Por Anderson Canuto de Almeida

Residente em Sete Lagoas/MG, servidor público, formado em História e Direito, neste ano publicou o seu primeiro livro de poesias de nome "Trivial" pela plataforma Clube dos autores, filho da poetisa Tiana Canuto, que publicou o livro "O amor em forma de poesia".

Ah, então **O** amor, como se pode descrever?

Falar sobre **A**quilo que é por certo indescritível

De todo **M**odo o meu peito não pode o conter

Aquilo que **O** definir seria de todo impossível

E nunca **R**ealmente de todo podemos conhecer .

Só digo **É** o amor! sentimento indescritível

Então quero **I**mergir neste vasto oceano

Lugar onde **N**ada, nada me causará dano

E falo **D**o nosso amor que não se desfalece

Posso agora **E**ntão erguer a Deus uma prece

Que possa **S**im mostrar a minha eterna gratidão

Em poder **C**onhecer o amor, palavra sem definição

Por todos **R**umos que a vida venha me levar

Sei que **I**ndependente do lugar, o amor vai estar

Sempre eu **T**rarei comigo o teu amor singelo

Que traz **Í**mpar alegria, que não tem paralelo

Por toda **V**ida terei o teu amor comigo

Pois ele **E**m todo tempo é refúgio e abrigo

Mas defini-lo **L**abor que algo que não consigo.



APRESENTAMOS O CONTO

A Bola Foi Para a Roseira

Por Augusto Filipe Gonçalves

Augusto Filipe Gonçalves, sou português, natural e residente em Penafiel.

Sou Jurista, licenciado em direito, pós-graduado em ciências forenses, investigação criminal e comportamento desviante e mestre em ciências jurídicas, internacionais e europeias.

Autor do Livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica e coautor de diversas antologias em Portugal e no Brasil.

Joãozinho era uma criança gordinha, com umas bochechas rosadas, feliz com a vida.

Certo dia, chama Clarinha, sua vizinha e amiguinha da turma do infantário para irem brincar para o jardim que ficava ao pé das duas casas.

Clarinha, Clarinha! – chama João a viva voz

Joãozinho, és tu? – diz Clara entusiasmada

Sim! Queres ir brincar para o jardim? – pergunta Joãozinho entusiasmado

Sim, sim!! – diz Clara toda contente

Traz a bola, se faz favor! – diz Joãozinho

Está bem! – diz Clarinha

Clarinha pega na bola e vão os dois para o jardim.

De repente, Joãozinho e manda a bola com mais força, indo esta ter a uma roseira.

Oh se calhar furou! Devias ter mandado mais devagar! – diz Clarinha

Não conseguiste apanhar? – pergunta Joãozinho

Não, mandaste com muita força! – diz Clarinha

Então vou lá busca-la! – diz Joãozinho

Joãozinho, com as suas mãos fininhas estica-se para apanhar a bola, mas pica-se!

Ai, ai! – diz Joãozinho, queixoso por se ter picado

Entretanto vem a passear o senhor Adão.

O senhor Adão era um senhor já na casa dos oitenta anos, com muito cabelo mas todo branco, óculos na ponta do nariz, umas mão grossas, sempre acompanhado com a Eva (nome carinhoso que dera à sua bengala, que lhe muito auxilia) que vinha a passar quando viu que Joãozinho e Clarinha estavam aflitos.

Que se passa meninos, que se passa? – pergunta o senhor Adão com ternura na voz

Oh Senhor Adão, a bola foi para a roseira e eu já a tentei ir buscar, mas piquei-me! – diz Joãozinho

Não há problema! Eu tiro-a! – Diz o senhor Adão, que fica sempre contente, quando encontra Joãozinho e Clarinha

Mas, como é que vai fazer? – pergunta Clarinha

O senhor Adão, pega na bengala ao contrário, e com a zona da pega, consegue trazer a bola para perto de si. Assim que a bola estava próxima, pega nesta e entrega a bola a Joãozinho e Clarinha, sentindo-se feliz por, apesar da muita idade, ter conseguido resolver o problema das crianças.

Quanto a Joãozinho e Clarinha, também ficaram contentes, pois puderam voltar a jogar a bola, que era algo que tanto gostavam.

É caso para dizer, quando alegria compartilhada, é alegria redobrada.



APRESENTAMOS O POEMA

Os Pássaros

Por Kátia Surreal

Kátia Surreal é a mãe da gata Bibi, escritora, membro vitalício da Academia Independente de Letras (AIL), ocupa a cadeira nº 155: A SURREALIDADE. Nasceu numa sexta-feira 13 de julho de 1986, Dia Mundial do Rock, quando ocorria o fenômeno da lua de sangue no céu. Seu primeiro livro de poesias eróticas "Gradações hiperbólicas" será lançado em breve pela editora Brunsmarck. Atualmente, publica seus textos poéticos pelo seu blog Fugere ad fictem: <https://fugere-fictis-katia-surreal.webnode.com/> e pelo Instragam: https://www.instagram.com/katiasurreal_/?hl=pt-br

Os pássaros lá de fora

Não vêm me beijar

Nem me tocam

Ou pousam na janela

Os pássaros lá de fora

Não me olham

São, da natureza, espólios

Em que me reporto

Olho e me afogo

Os pássaros lá de fora

São esperanças emplumadas

Espelhadas

Espalhadas

Sonhos soltos pelo ar

Os pássaros lá de fora

Todo dia vêm e vão embora

Não sabem dos voos contidos

Dum coração aflito

Implícito

É que nem todo pássaro voa

São os pássaros de dentro

Recolhendo-se em voos perdidos

Num infinito tormento

Os pássaros aqui de dentro

Habitam uma pessoa
Que jamais voa

Pássaros em perigo
Sem planos, sem gritos

Asas em plano rígido



APRESENTAMOS O CONTO

Sabedoria e Ternura

Por Marlene Marques

Marlene Marques, Nasceu em Lajeado/RS em (1955). Vive em Toledo/PR, desde 1964. Graduada em Filosofia. Especialista em Teorias da História e História do Brasil, pela UNIOESTE/PR. Mestra em História Social, pela UFF/RJ. Professora na rede Pública e privada, por 47 anos. Autora de livros didáticos de História do Paraná, (4º e 5º Ano): Ed. BASE: 2008/2011 e 2013. Fundadora da cadeira 26 da Academia de Letras de Toledo; membro do Clube da Poesia e da União Brasileira de Trovadores – UBT Toledo/PR. Aprendiz de escritora, com premiações em concursos literários.

Entre as muitas memórias da minha infância, uma marcou-me profundamente. O desespero de minha mãe no dia em que sofri um acidente — uma queimadura — ao acender o fogo no fogão a lenha que havia se apagado.

Era o ano de 1963. Minha mãe ficou em casa com os cinco filhos menores enquanto meu pai viajou ao Paraná para conhecer as terras férteis anunciadas no Rio Grande do Sul. O planejamento dele era, se gostasse de alguma propriedade, compraria para mudar com a família, pois alguns parentes e amigos já haviam migrado e estavam felizes com a aquisição.

Eu, a filha mais velha, tinha 8 anos. Estava em casa cuidando dos quatro irmãos menores enquanto minha mãe, uma agricultora incansável, após o almoço e a organização da casa, foi para a roça que ficava distante dali uns mil metros, em um morro logo acima.

Do alto do morro, ela podia acompanhar as crianças brincando no pátio e na varanda.

No meio da tarde, veio ver como nós estávamos e amamentar o bebê de colo.

Este mamou e dormiu. Ela antes de voltar à roça, disse:

— Filha, bote lenha no fogão, para que o fogo não apague!

Eu e meus irmãos voltamos brincar. Só lembrei-me do pedido, quando o sol já estava baixo, o que indicava o horário dela chegar.

Corri para a cozinha, olhei no fogão e o fogo havia se apagado. Rapidamente peguei uns gravetos da caixa de lenha e arrumei-os nas trempes. Procurei a caixa de fósforos que minha mãe escondia, acendi uma lamparina, a querosene, utilizada, quando o sol já se punha e a escuridão surgia, para iluminar a casa à noite.

Com a lamparina acesa, agachei-me em frente a boca do fogão, acendi uma palha de milho na chama da lamparina, estiquei o braço para alcançar os gravetos e ateei fogo.

Nisso, a lamparina que estava no meu colo, virou encharcando meu vestido de chita xadrez, de querosene, que rapidamente foi tomado pelo fogo.

— Aos gritos sai correndo pelo pátio, envolta em chamas.

Neste momento minha mãe descia da roça, ladeira abaixo, com um feixe de ramas de batata doce nas costas, “o pasto para alimentar as vacas”. Correu ao ver o clarão das chamas e ao ouvir meus gritos de socorro. Quanto mais eu corria, mais as chamas cresciam ao sopro do vento.

Ao aproximar — se derrubou-me ao chão, e jogou sobre meu corpo, o feixe de ramas que trazia, estas abafaram e apagaram o fogo.

Despiu-me de meu vestido, digo, dos trapos que restaram. Me pôs sobre uma cama, e pode ver o quão estava sapecada. Todo meu corpo ardia em queimaduras leves a profundas.

Para minha mãe, eu estava viva e isto era o mais importante. Precisava fazer algo, logo, para abrandar a dor.

Lembro-me, ainda hoje, de minha mãe chorando, dizer:

— Meu Deus! Meu Deus!

Ela está toda queimada, suja de carvão e terra, mas não podemos lavá-la, pegará infecção(gangrena). Sem entender, deduzi que seria algo pior do que eu estava passando.

Imediatamente, minha mãe pegou uma bacia com água morna e passou um pano molhado, em meu corpo, onde a pele não estava queimada, tirando a sujeira grossa.

Um funcionário, que também chegou da roça, se prontificou em ajudar. Minha mãe pediu que ele buscasse na horta, folhas de couve.

Sem demora, as folhas estavam no quarto, e foram besuntadas com nata e banha de porco e deitadas sobre os ferimentos.

Para refrescar a queimadura da pele e abrandar a dor. Depois de fazer e oferecer janta, as crianças menores foram dormir e minha mãe veio ao quarto com uma tigela, onde havia preparado uma pomada amarelinha, com cera de abelhas, própolis e banha de galinha. Cuidadosamente guardada para qualquer eventualidade.

A pomada era refrescante e as folhas anti- inflamatórias. Remédio milagroso para queimadura.

Para que eu pudesse dormir me ofereceu um chá de cidreira e melissa, calmante natural. Os dias posteriores a queimadura foram de muita dor, porém, a sabedoria da minha mãe, a ternura e os paparicos dos irmãos menores, — que passavam as mãozinhas e beijavam o meu rosto, — foram o acalento e o melhor remédio já tomado em toda minha vida.

Fiquei alguns dias deitada, sem poder brincar, no pátio. Uma eternidade para uma criança que esquecia os pedidos da mãe quando brincava com os irmãos.

Hoje, quando as memórias insistem em aparecer, a primeira lembrança, que me vem à mente é “o rosto da minha mãe” durante aquele acidente. Ela fazia de tudo para me proteger de todos os males. Em sua sabedoria foi um anjo que me embalou, e o elixir que curou todas as dores.



APRESENTAMOS O POEMA

Extraordinária

Por Naty Brasil

Naty Brasil nasceu em 27 de novembro de 1994 em Fernandópolis/SP. É Funcionária Pública, Pós-Graduada em Pedagogia Universitária na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Organizadora de Antologias Poéticas na Psiu Editora, membro do Laboratório Poetisas e da Academia Internacional Mulheres das Letras, selecionada para participar de diversas coletâneas, prêmios e projetos literários como o Prêmio Poesia Agora e Festival UFSCAR 2020. Divulga seus trabalhos em seu Instagram @natybrasilecreve.

Extraordinária permanece
sabendo imaginar e vibrar.
Tudo o que ela quer, acontece,
nunca ouse duvidar.
Extraordinária e sensata,
entrou em transformação.
Está sempre grata,
busca a evolução.
Extraordinária em pensamento,
o que muda a sensação:
retira o descontentamento,
repõe a satisfação.
Extraordinária em energia...
tudo envolve,
tudo contagia,
tudo devolve.
Extraordinária em respeitar,
em cuidar do que oferece.
Ciente de que o que ganha,
é exatamente o que merece.
Extraordinária,
espalha o segredo,
que revigorou a sua face
e eliminou todo medo!



APRESENTAMOS O POEMA

Qentania

Por Naty Brasil

Naty Brasil nasceu em 27 de novembro de 1994 em Fernandópolis/SP. É Funcionária Pública, Pós-Graduada em Pedagogia Universitária na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Organizadora de Antologias Poéticas na Psiu Editora, membro do Laboratório Poetas e da Academia Internacional Mulheres das Letras, selecionada para participar de diversas coletâneas, prêmios e projetos literários como o Prêmio Poesia Agora e Festival UFSCAR 2020. Divulga seus trabalhos em seu Instagram @natybrasilecreve.

Cheirosa como uma flor.

Forte como um diamante.

Brilhante como o sol.

Bela como o mar.

Epifania

descreve,

como é amar

essa ventania.

Exatamente

o que predomina,

ao tentar se conter,

ao evitar se envolver,

com tamanho poder!



APRESENTAMOS O CONTO

Retratos de um Silêncio

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou da antologia: "Sonhos Poéticos - Poemas e Contos" (Projeto AutoEstima) entre outras. Contato: rschima@bol.com.br

*Essa indizível tristeza que de tão profundas raízes
o lençol freático de nossa alma consegue alcançar,
sem se importar com o verdejante que há no solo,
fênica, semeia, floresce e prospera sem se importar.*

Lá fora, o cinza do céu em diferentes matizes evoca os outonos de outrora.

O mundo prossegue indiferente a dramas e melodramas individuais ou coletivos.

O presente segue seu curso, fazendo do passado os rastros tortuosos que deixa lá atrás.

Para algo que passou, suas raízes perseguem-nos no porvir, fixam-se na tenuidade da alma.

Vejo o rastro de luz através das venezianas. É denunciado pela poeira que flutua no ar feito flocos de neve congelados no tempo. Não há mais o tic-tac do relógio cuco na parede. O próprio tempo deixou de correr neste lugar, exceto pelo aspecto geral de degradação e a grossa camada de poeira.

Quantos anos faz que não piso aqui? A criança ainda viva dentro de mim sabe, mas reluta em emergir. Sente-se perdida e estupefata entre as memórias de um passado distante, toda uma vida que se seguiu e o idoso taciturno que se tornou.

Tudo cheira a tecidos corroídos pelas traças, tábuas mofadas cheias de cupins, ares confinados e papéis úmidos sobre coisa alguma ou nenhuma.

A mobília não inspira confiança.

Meus brinquedos de lata enferrujaram.

Traças deleitam-se sobre as cortinas vermelhas.

Não há o delicioso aroma de bolo recém-saído do forno.

O livros dão a impressão de que irão se desfazer ao menor toque.

Restos de um gibi do Pato Donald trazem pequenas digitais de chocolate.

Quadros tortos nas paredes, se antes emanavam colorido e alegria, hoje é melancolia.

Tudo é silêncio. Porém, se é assim, por que tantas vozes, risos e lágrimas ecoam em meus ouvidos?

É a antiga casa onde nasci e vivi meus primeiros anos, construída pelo meu avô. Foi entre a imolação de Laika e o triunfo da Apollo 11. Minha mente também perdeu-se no espaço sideral, na Lua e nas estrelas em meio ao clima da corrida espacial. Tão longe de tudo como eu me sentia estar e, às vezes, assim o desejava.

Diante da sala, na mesinha de centro corroída, uma caixa de papelão resiste bravamente feito um ataúde de um velório que nunca acabou. Dentro dela, dezenas de retratos, ou, como costume dizer, "janelas estáticas do tempo". Momentos congelados de uma eternidade que se foi. Aproximo-me dela e, vacilante, manuseio aqueles retalhos de memória.

Observo fotos amareladas e em preto e branco de quando ela era criança, adolescente e adulta. Tento adivinhar seus pensamentos e o que poderia dizer, já que, para mim, seus lábios recusaram-se a falar. Vejo os rostos, os sorrisos, as esperanças, os sonhos que teve e não se concretizaram. Relembro o poço de rancor no qual chafurdou ante as decepções com seu cônjuge sem jamais conseguir se safar. Relembro a visão amarga que tinha das pessoas: ninguém prestava, pois nelas seu próprio reflexo não encontrava. Penso nos seus relatos repetidos vezes sem conta da mortadela que sua mãe oferecia em criança, enquanto os outros irmãos comiam presunto. Das surras que levou com cabo de vassoura de sua mãe a quem, no fim da vida, numa mágoa distante, cuidou. Do ex-marido, cujo sofrimento de infância me narrou - como ter de ir para a escola descalço para só calçar os sapatos quando estivesse lá a fim de não gastar a sola -, para depois, traída, ameaçada, indignada, violada, demonizá-lo irremediavelmente.

Num torvelinho entre o cinzento e a escuridão, a alegria pereceu, a voz se calou.

Na amargura mergulhou, mergulhou, mergulhou e dela nunca mais escapou.

Se um dia houve de fato uma primavera, para sempre outono se tornou.

Impossível não sentir os respingos infiltrados em minha epiderme.

Já na meia-idade, foi trabalhar num lugar longínquo, onde ficou por três anos. Na distância de meio mundo, minha voz por escrito necessitou ouvir. Eu escrevi. E, em

nossas cartas, conversamos como nunca fizéramos pessoalmente, por mais triviais que fossem os assuntos dentro de nossos respectivos cotidianos. Entrementes, ao retornar, apesar de d'eu pedir, não se importou em prosseguir. "Agora não preciso mais", foi a lacônica resposta que me aguardava. Não se preocupou em pensar que talvez fosse eu quem precisasse.

Ao telefone, suas respostas eram pouco mais que monossilábicas.

- Como é que está?

- Tudo bem.

- Alguma novidade?

- Não.

- E como está fulano?

- Bem.

- O que tem feito?

- Nada.

Em minhas visitas ocasionais, não era muito diferente.

Com o tempo, deixei de esperar por respostas, pois eu mesmo cansara de efetuar perguntas.

Agora que se foi, as fotos de tempos idos pouco ou nada podem me responder. São sorrisos tão mortos quanto o dia que se desfaz. Sua voz calou-se para sempre. E, no entanto, ela ecoa em meus ouvidos:

"Por quê?"

Eu respondo:

"Por quê?"

E, aqui, diante de um passado que se faz presente em pedaços de celulose, móveis caindo aos pedaços, muita poeira e paredes impregnadas de fantasmas, eu espero dia a dia pelo momento de reencontrar a paz que, em criança, um dia tive até as nuvens cinzentas chegarem e no céu estacionarem. E murmurarei:

- Finalmente... Acabou!

Para algo que passou, suas raízes perseguem-nos no porvir, fixam-se na tenuidade da alma.

O presente segue seu curso, fazendo do passado os rastros tortuosos que deixa lá atrás.

O mundo prossegue indiferente a dramas e melodramas individuais ou coletivos.

Lá fora, o cinza do céu em diferentes matizes evoca os outonos de outrora.

*Se o mundo sem sonhos
é como uma asa partida,
de que sonham os sonhos
se a eles é negado o adormecer?*



APRESENTAMOS O CONTO

Casa Comigo?

Por Tuani Rafaela

Tuani é uma guria de 17 anos que vive em Santa Rosa, interior do Rio Grande do Sul. A partir dos 10 anos se apaixonou pela literatura e posteriormente pela escrita dessa. Muito simples, é apaixonada pela poesia da vida e tudo que a compõe.

Era 2 horas da madrugada e eu estava deitada em minha cama olhando pela janela a chuva caindo e molhando as folhas do pé de pêssego que cobria quase toda a visão mais além, enquanto o restante da casa imergia em um sono profundo devido a fadiga do serviço braçal feito durante todo o dia e que seria repetido após o amanhecer. De repente, escuto um barulho vindo do meu ponto de admiração, de imediato, ignoro, deve ser só o vento aumentando e fazendo com que os galhos da árvore batam contra o vidro, mas escuto de novo, não parece chuva, é descompassado. Abro a janela enferrujada com cuidado para que ninguém acorde e me deparo com Alberto, encharcado, com os cabelos loiros colados na testa, vestindo apenas uma camiseta e uma bermuda velha e carregando uma margarida arrancada em sua mão esquerda, do nosso próprio jardim, olhava-me como quem tinha ganho na loteria e o céu estivesse limpo, propício para um encontro. Ele colocou o dedo indicador em frente aos lábios, para que eu fizesse silêncio e me chamou para ir até ali com ele, a alegria estava estampada em meus olhos, só Alberto tinha aquele poder de me tirar da cama em uma noite tediosa e chuvosa, para ir me aventurar com ele.

Fui até a cozinha e abri uma janela baixa de madeira velha, que estava caindo aos pedaços, e passei por ela, com o máximo cuidado para não fazer barulho, parando na varanda diante de ele. Ele me ajudou a descer, me pegou pela cintura e me pôs cuidadosamente de pé em frente a ele, pude sentir seus dedos frios tocando minha cintura esbelta e sua respiração ofegante, próxima a mim. Ficamos em silêncio por um tempo, decidindo para onde poderíamos ir sem que meu pai nos ouvisse e acabasse. Potreiro, ele disse, é distante o suficiente para não acordarmos seus pais e perto o suficiente para podermos voltar a tempo. E assim fomos pisando nas pedras altas dispostas pelo caminho, cuidando para que a barra de minha camisola não embarrasse, deixando suspeitas da minha fuga.

Chegando lá, ele me beijou, passando a mão pelos meus cabelos embaraçados da noite, me puxando pela cintura com carinho e colocando a flor arrancada em minha orelha, afastando meus cabelos dela. Senti urgência em seu beijo e seu coração acelerado, latejando contra meu peito, ele afastou rapidamente o rosto e passou os dedos por minhas bochechas, que agora estavam coradas, seus olhos brilhavam, e ele disse: "Desculpe a demora, tive que esperar meu pai chegar em casa, para que minha mãe pudesse descansar".

Eu estava extasiada, não ligava para seu atraso, apenas o queria ali para mim enquanto podia, nos beijamos alarmantemente em baixo daquele teto mal construído, cheio de goteiras que cada vez nos deixavam mais molhados e em voltos daquelas paredes de madeira bruta já mofadas, como se não houvesse amanhã, naquele momento nada mais importava. Nada sobre a parte do terreno que teríamos que carpir amanhã, ou sobre as brigas com nossos pais e a desaprovação deles sobre nossas aventuras amorosas. Éramos apenas nós dois e nada mais importava, quando eu estava prestes a tirar sua camisa ele me parou e declarou: "Amor, não é sobre isso, nada do que eu desafio sobre isso e eu não quero fazer isso sem antes realmente te ter para mim." Dizendo isso ele se ajoelhou e tirou um anel de feito de um galho verde "Eu sei que você merece muito mais do que isso e eu prometo que te darei, mas por enquanto, com esse anel de galho verde, você aceita casar comigo Maria Isabel?".

Eu certamente não esperava por isso, nós sempre gostamos um do outro, desde nossa infância quando íamos junto com nossas mães ajudar a colher maçãs no pomar ou pegar os ovos das codornas, mas só começamos a realmente namorar e ter algo mais sério há 2 anos, quando eu tinha 14 e ele 15, mas isso foi tudo o que eu sempre sonhei, "Aceito, claro que sim, meu amor!", eu disse chorosa, lembrando de tudo o que passamos e do que imaginando o que passaríamos juntos, ele se levantou, colocou o anel recém feito em meu dedo anelar direito e me beijou, como se fosse tudo o que tivéssemos para agora e para sempre. E na verdade, era somente o que tínhamos e prometemos que sempre teríamos, um ao outro, para sempre.



APRESENTAMOS O POEMA

O Mundo do Escritor

Por Vinicius Benatto

Vinicius Benatto deu seu primeiro passo no meio literário quando participou da antologia "Versos Soltos" da Revista Projeto AutoEstima. Desde então vieram participação em várias antologias e por fim, a publicação de seu próprio livro chamado de 'Para Refletir trazendo os dois pés do Autor para o Universo dos Escritores.

Existe um lugar muito bom de se estar,
Quem chega nele, nele quer ficar.
Mas eventualmente ele vai lhe pedir para sair,
E tristemente terá que ir.
No meio do caminho verá,
Que igual a antes não mais está.
Algo em você mudou,
Algo seu, naquele lugar ficou.
E algo desse lugar você levou.
Deixe me esse lugar nomear
Seu nome é livro, consegui adivinhar?
Dentro dele tudo é possível, tudo é alcançável.
Ele torna rico o miserável.
Torna erudito o boçal.
Para ele, todo mundo é especial.
É o mundo do escritor afinal.
Por ter entrado aqui, permita me agradecer.
Fiquei muito feliz com sua visita, tenho que dizer.
Obrigado por aqui ter feito uma parada.
Desejo muita paz na sua caminhada.



APRESENTAMOS O POEMA

Sonho de um Poeta

Por Vinicius Benatto

Vinicius Benatto deu seu primeiro passo no meio literário quando participou da antologia "Versos Soltos" da Revista Projeto AutoEstima. Desde então vieram participação em várias antologias e por fim, a publicação de seu próprio livro chamado de "Para Refletir" trazendo os dois pés do Autor para o Universo dos Escritores.

Nós humanos temos sonhos isso é verdade,
Como poeta eu almejo escrever com liberdade.
Não liberdade de expressão,
Pois isso já foi conquistado.

Como escritor,
Possuo uma prisão,
Ela está comigo a todo momento,
Essa prisão é o meu pensamento.
Meus traumas e vivências ditam o que posso escrever,
Viver
E até mesmo sonhar.
Querendo dessa masmorra me safar
Preciso me conhecer ou de mim me afastar?

Quero poder olhar para o céu a noite
Vendo as luzes iluminando a cidade,
E escrever sabendo,
Que a cada vez que olhar para essa mesma vista na noite seguinte
Serei capaz de escrever um poema diferente.

Quero ser capaz de silenciar,

E escrever sobre o silêncio.

Mesmo que ele seja ensurdecedor.

Minha mente precisa ser livre do barulho,

Um barulho que me impede de ouvir o chamado do meu próprio eu.

É doloroso olhar para dentro, porque dentro está

Tudo que não pude lidar,

E que ficou embaixo do tapete da minha consciência.

Para alcançar a liberdade que tanto almejo comecei a olhar para minha escuridão.

É paradoxal

Mas percebi

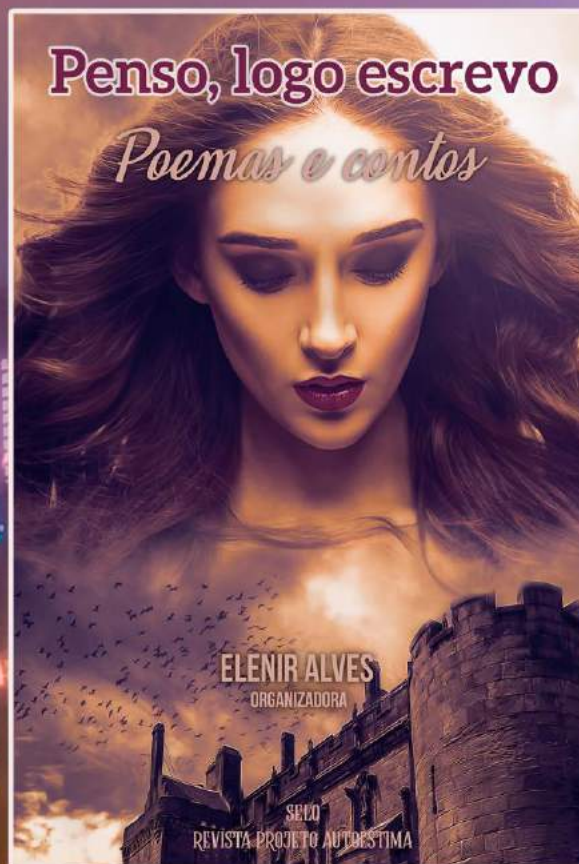
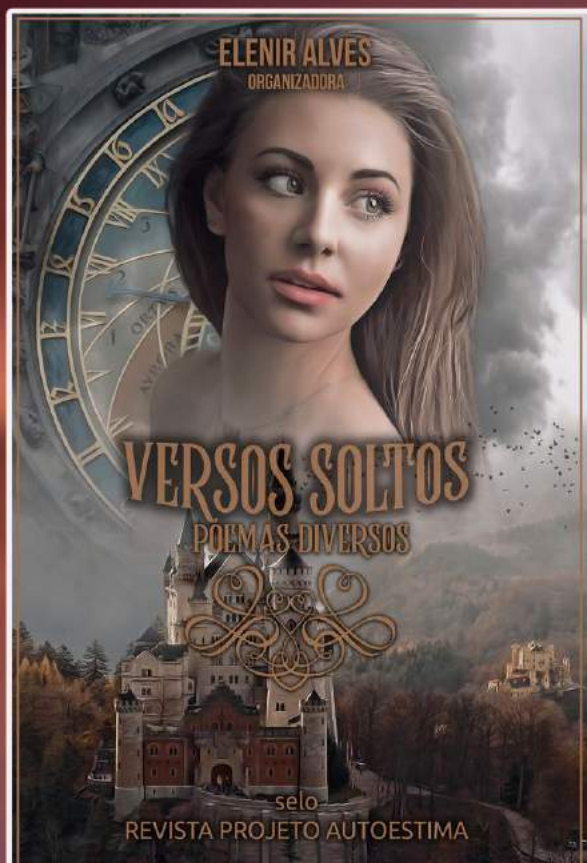
Que olhando para minha escuridão profundamente,

Encontro a minha luz

E a olhando eu sei,

Que minha liberdade encontrei.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE A CAPA

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI